



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?

## LITERATURA INFANTIL E PRÁTICAS ANTIRRACISTAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O LIVRO “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”

Laura Pires de Souza  
UFU - Mestrado em Educação  
laura.pires@ufu.br

GT 5 – Juventudes, Diversidade e Relações Étnico-Raciais.

### INTRODUÇÃO

Este resumo expandido apresenta um Relato de Experiência da própria autora, que aconteceu em uma Escola de Educação Infantil Pública do Município de Uberlândia, com uma turma de G3 Parcial (3-4 anos de idade). A partir da contação de histórias do livro “Menina bonita do laço de fita”, as crianças construíram reflexões interessantes, que serão compartilhadas nesse trabalho.

### DESENVOLVIMENTO

A tarde de 07 de julho de 2025 se iniciava normalmente, até que fui comunicada de que a Professora Regente 2, que ministraria a aula naquela segunda-feira, estaria ausente. Apesar de exercer a função de Profissional de Apoio Escolar, quando esses imprevistos ocorrem, é preciso tomar a responsabilidade pela turma, e como uma boa professora em ascensão, aproveito desses momentos para realizar projetos que tenho desejo. Dessa forma, antes das crianças adentrarem na escola, me encaminhei para a biblioteca e o livro “Menina bonita do laço de fita” foi o selecionado da vez.

A obra “Menina Bonita do Laço de Fita” foi escrita por Ana Maria Machado e ilustrada por Claudius. Apesar de ter sido publicada pela primeira vez há quase 40 anos atrás, a narrativa continua viva nos corações de diversos educadores e crianças, que se encantaram



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?

com a história do coelho que admirava a cor da menina, sendo considerado um clássico livro da literatura infantil e infantojuvenil brasileiro. A escolha pelo livro não se deu por acaso. Além de ser uma obra clássica que as crianças ainda não haviam tido contato, foi oportuno proporcionar a elas um trabalho antirracista. De acordo com Troyna e Carrington:

Educação antirracista refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional. Essas reformas envolvem uma avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal. (1990, p. 1).

A Base Nacional Comum Curricular, reconhece que a literatura infantil está dentro de um dos direitos de aprendizagem que contribui para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo (BRASIL, 2017). Dessa forma, “podemos afirmar que raça e etnia são construções culturais que se instituem nos artefatos – como os livros infantis – e que “formam” as identidades raciais dos sujeitos que interagem com tais artefatos. Há, portanto, uma dimensão pedagógica na Literatura Infantil.” (Kaercher e Dalla Zen, 2010, p. 3). Assim, “Menina Bonita do Laço de Fita” se torna uma excelente escolha para a realização de um trabalho antirracista.

Após realizar todas as demandas da rotina da Educação Infantil (beber água, ir ao banheiro, fazer a rotina do dia etc.), era hora de iniciar a atividade do dia. O primeiro momento se deu com a leitura da história. Como não houve planejamento para realizar esse trabalho, não foi possível aproveitar dos recursos disponíveis na escola (fantoques, dedoches, fantasias etc.) e a leitura foi feita de maneira “tradicional”. Enquanto as crianças estavam sentadas nas cadeiras, a história era contada (não de forma integral, pois as passagens são longas e as crianças de 3 anos tem pouco tempo de atenção) e as ilustrações eram mostradas.

No meio da história, especialmente quando a mãe da menina intervém nas explicações mirabolantes que ela dá para o coelho, foi possível ter uma discussão interessante com as crianças a respeito da nossa ancestralidade. Foi explicado que a tonalidade da nossa pele, a

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



espessura dos nossos cabelos, a cor dos nossos olhos e outras características dependem diretamente de nossos pais, avós, bisavós etc.

Quando a história finalizou, as crianças foram comunicadas de que iríamos fazer uma atividade: carimbar nossas mãos em formato de coelhinhos de diversas cores para simbolizar os filhotes do coelho branco do livro. A turma logo se animou com a ideia e um dos momentos mais especiais foi quando duas das crianças disseram que iriam pintar seu coelhinho de preto e marrom, consecutivamente. Ambas as crianças eram negras e possivelmente se identificaram com a tonalidade dos personagens. Carneiro e Russo apontam que:

A presença de diferentes etnias no ambiente escolar amplia o reconhecimento da identidade, da autoestima, da autovalorização e do “empoderamento” infantil para as crianças, que dificilmente se veem representadas nos recursos existentes em seu universo. Além disso, os elementos que contemplam a diversidade étnica proporcionam a identificação positiva e permitem a construção dessa autoestima, para que as crianças tenham um bom relacionamento tanto com a sua autoimagem quanto com a imagem do outro. (2020, p. 106-107).

Dessa forma, é fundamental que o professor tenha consciência da importância de se trabalhar a diversidade em suas múltiplas dimensões, promovendo assim, práticas pedagógicas que valorizem as singularidades das crianças, permitindo-as o seu reconhecimento nas histórias, personagens e outros elementos que compõem o trabalho na Educação Infantil, para a construção de uma educação plural, democrática e representativa.

Em um segundo momento, já com a presença de uma das professoras R2, as crianças foram convidadas a pintar a pele e o cabelo da menina da história. Para que o objetivo da atividade fosse exitoso, foi retirado da mesa das crianças os gizes de cera das demais cores que não fossem marrons e pretos, representando a cor da pele menina. A professora inicia uma série de questionamentos direcionados a uma criança negra sobre a cor do giz de cera rosa claro, conhecido por muitos como “tom de pele”. A criança responde o esperado: “esse é o cor de pele”. A professora então questiona: “Mas essa é a cor da pele de quem?”. A criança então responde “dela”, apontando para a colega branca ao lado. A professora retorna o questionamento “E a cor da sua pele? Qual é?”. A menina então responde “É essa” apontando

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



para o marrom. Por fim, a professora fala para a criança: “Então essa (marrom) também é cor de pele”. A criança concorda com a cabeça e continua a colorir.

Tomaz Tadeu da Silva (1995) destaca que é necessário que as pessoas compreendam que o racismo não é apenas um desvio ou um problema individual, mas sim, parte de uma matriz ampla de estruturas institucionais e discursivas. Sendo assim, é necessário que os educadores tenham esses momentos de diálogo com as crianças a respeito de questões raciais, para desconstruir padrões já impostos. São também nos pequenos gestos do cotidiano que se consegue formar seres críticos.

Para fazer o cabelo da menina, foi usado rolo de papel higiênico como carimbo. Assim, as crianças mergulhavam o rolo na tinta marrom (não havia tinta preta disponível) e carimbavam na cabeça da ilustração, formando os cachos da menina (embora no livro sejam tranças). Essa parte era feita em formato individual. Enquanto uma das crianças da sala realizava seu trabalho, comentei que o cabelo da menina era todo cacheado. A menina então respondeu “Sabe, tia. Eu pedi para minha mãe comprar creme para meus cachinhos e ela comprou” e me mostrou seu cabelo definido pelo “creme de cachinhos”, um momento gracioso para finalizar o dia.

## CONCLUSÃO

A experiência vivida e relatada neste resumo expandido, evidencia como a literatura infantil pode ser uma potente aliada na construção de práticas pedagógicas antirracistas desde a Educação Infantil. Mesmo diante de uma situação imprevista, foi possível promover momentos de escuta, identificação e valorização da diversidade étnico-racial entre as crianças. O trabalho revelou o quanto é essencial oferecer vivências que possibilitem as crianças a se reconhecerem nas histórias e nos personagens, construindo uma relação positiva da sua identidade, e ajudando na formação de sujeitos críticos, afetivos e respeitosos com as diferenças.

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

CARNEIRO, Carolina Zolin. RUSSO, Maria José de Oliveira. **A criança negra e a representatividade racial na escola**. Cadernos de Educação, v.19, n. 38, jan.-jun. 2020.

KAERCHER, Gládios Elise Pereira da Silva. DALLA ZEN, Maria Isabel. **Leitura de crianças sobre a diferença étnico-racial**. 33ª Reunião Anped, Caxambu, 2010.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Ilustrações de Claudius. 25. ed. São Paulo: Ática, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1995.

TROYNA, Barry; CARRINGTON, Bruce. **Education, racism and reform**. London: Routledge, 1990.

Realização:



Apoio:

